



Cenários de Transformação da Habitação no 4º Distrito de Porto Alegre

Eliane Constantinou, UFRGS, Brasil
elianeconstantinou@gmail.com

Letícia Bettio Machado, UFRGS, Brasil
leticiabettio@gmail.com

Palavras-chave :

Tipologias operárias; tipologias industriais/armazéns;
padrões tipo-morfológicos; padrões sócio espaciais.

RESUMO

O presente trabalho centra-se no estudo tipo-morfológico de tipologias arquitetônicas populares e operárias do bairro industrial da cidade de Porto Alegre: trata-se do 4º Distrito, território da capital gaúcha diretamente ligado à expansão da malha urbana, no início do século XX. O 4º Distrito se consolidou como uma área periférica à zona central de Porto Alegre e estabeleceu uma importante ligação entre interior e capital através de meios fluviais e ferroviários, por se encontrar margeando a costa que representa a orla da cidade com o rio Guaíba.

A conformação atual deste distrito industrial reflete a imagem de suas formas antigas. As imagens e os imaginários das cidades no Brasil no século XXI estão diretamente relacionados com a questão da moradia, uma vez que essa se apresenta como a maior demanda técnica a ser suprida por profissionais da área de Arquitetura e Urbanismo, atualmente. Dessa forma, estudar as questões referentes às dinâmicas sócio espaciais e investigar os padrões de mudança na arquitetura residencial e industrial, ao longo dos anos, apresenta a oportunidade de estabelecer um panorama dos fenômenos urbanos diretamente envolvidos com a transformação das cidades e os cenários urbanos futuros.

Introdução ao Fenômeno Urbano do 4º Distrito

A forma urbana modifica-se constantemente através da transformação dos estoques construídos: novas construções, demolições ou adaptações. Apesar desse possível quadro de alterações no sistema urbano, a estrutura primária de uma cidade pode manter-se estática, sendo esta composta pelos elementos que agregam hierarquização ao espaço e sofrem menos alterações do que áreas temáticas que compõem o grão e o tecido. As transformações tipo-morfológicas são muito mais constantes, difusas e heterogêneas e podem reconfigurar mais facilmente os cenários de uma cidade:

Estas transformações acontecem muitas vezes de forma gratuita ou descontrolada, lenta ou ligeira, gradual ou completa; e sua necessidade se dá por diversos motivos como a renovação de espaços urbanos degradados, subutilizados, áreas abandonadas ou em processo de transformação, mas também em alguns casos, estas transformações são provocadas pela necessidade de atender a interesses públicos ou privados que pretendem ter um retorno rápido aos altos investimentos sobre o tecido urbano. (VIEIRA, 2010).

Na Ciência da Complexidade a cidade se apresenta como um sistema complexo e adaptativo, capaz de se auto organizar, definindo padrões no tempo e no espaço (KRAFTA e CONSTANTINO, 2007). Dentro desta visão de cidade explora-se a dinâmica intra-urbana das transformações das unidades de forma construída no 4º Distrito de Porto Alegre - RS, investigando a emergência de padrões sócio espaciais no tempo. Sabe-se que dentro da dinâmica das atividades desenvolvidas na cidade, cada área possui uma vocação. Essa vocação é mutável, uma vez que os focos de desenvolvimento e degradação dentro do espaço urbano se modificam ao longo dos anos, devido a diversos fatores: dentre eles a atuação do poder público para atender certas demandas em áreas específicas, bem como mudanças econômicas e influência do mercado imobiliário. Construir cenários urbanos futuros adaptáveis às possíveis transformações e principalmente sustentáveis para a vida urbana se torna o principal desafio de arquitetos e urbanistas que lidam com cidades e grandes regiões metropolitanas.

Como o fenômeno de alocação de estoques urbanos caracteriza-se como um processo de dinâmica temporal rápida, conjectura-se que a alocação dos diferentes tipos de estoques urbanos baseia-se no cenário presente estabelecendo uma relação temporal direta entre o estado presente e o futuro, ou seja, o comportamento de alocação espacial futuro espelha-se no comportamento locacional presente. Desta forma tem-se como hipótese central a de que a materialidade da cidade reflete a aprendizagem espacial de uma dinâmica social interna configurando padrões sócio espaciais entre estados temporais subsequentes.

O fenômeno urbano a ser analisado neste trabalho centra-se nas mudanças nos usos dos centros históricos e eixos culturais, sendo essas transformações centradas no 4º Distrito de Porto Alegre, região que já concentrou grande importância industrial e econômica e hoje vive o dilema do abandono com o planejamento urbanístico modernizante. Nesse aspecto, torna-se essencial discorrer sobre a temática da forma urbana e sua relação com as dinâmicas sócio

espaciais, com o intuito de trazer uma abordagem interdisciplinar entre arquitetura e o urbanismo e suas implicações no organismo social da cidade.

O 4º Distrito passa por uma atual situação de jogo de interesses entre iniciativa privada e moradores locais sem respaldo do poder público, acerca da apropriação desta importante área da cidade. Um bairro que concentra edificações históricas e antigos armazéns fabris, ocupações e vilas de trabalhadores dos setores ignorados pela sociedade corre o risco de ficar integralmente às mãos do mercado frente a iniciativas de Planejamento generalistas e apoiado pelo Capital. Nesse sentido, apresenta-se a forma urbana entendendo que o estudo da morfologia deve anteceder qualquer estratégia de urbanismo, uma vez que modificações na cidade devem ser democráticas e respeitar cenários do passado, e os grupos sociais consolidados em cada espaço, para poder prever cenários urbanos futuros.

Objetivos e Justificativa da Análise

O objetivo deste estudo é, portanto, investigar padrões de transformação sócio espaciais em três recortes temporais historicamente significativos para o 4º Distrito. Esses recortes temporais foram definidos da seguinte forma: 1. Início do século XX; 2. Década de 80; 3. Tempos atuais e representam o período de crescimento urbano, intervenção do corredor da Avenida Farrapos e o período atual, respectivamente. A análise desses três cenários de fragmentos temporais do 4º Distrito ajuda na compreensão da estrutura urbana que, relacionada a aspectos funcionais e sociais, se consolidou como símbolo de importante área de desenvolvimento industrial, mas que hoje encontra-se abandonada e em decadência por descaso público e interferências do mercado imobiliário. O recorte tipológico é o residencial operário e armazéns industriais, que se justifica pela evolução urbana dessa região, caracterizada economicamente pela prestação de serviços e industrialização, moradia para operários e, diversidade étnica-cultural.

A justificativa metodológica se dá na importância de entender os fenômenos urbanos contextualizados dentro de recortes temporais, para estabelecer um diálogo entre o lugar e suas externalidades, além de mostrar uma visão sobre tipologias arquitetônicas populares e operárias como objetos de estudo científico. Para isso, a metodologia buscou definir conceitos que fundamentam o entendimento das dinâmicas sócio espaciais auxiliando – a partir de uma análise do passado e presente da construção do 4º Distrito – na formação do imaginário sobre o futuro da moradia e da cidade de Porto Alegre. O processo dialético do conhecimento científico, a partir de uma visão 'bachelardiana', é construído através da constante análise dos erros anteriores, o que explica a análise comparada dentro dos três cenários sócio espaciais estabelecidos. Com esse panorama comparativo, constrói-se uma ferramenta de análise da dinâmica urbana que a região apresentava, concebendo, assim, a partir de seus aspectos positivos e negativos uma construção dialética das transformações da forma urbana e seus deslocamentos no tempo.

Ademais, a importância desse panorama generalista proporcionado pelo paralelo traçado entre os recortes temporais está também na visualização de novas possibilidades de redesenho para

novos trechos de cidade dentro da morfologia urbana. Torna-se possível um novo modo de repensar a cidade como o palco de interações entre os cenários do passado, presente e possíveis cenários do futuro. Por outro lado, a simulação de uma cidade futura viabiliza um olhar crítico sobre novas vocações que podem surgir em recortes sócio espaciais, de forma que o planejamento torna-se cada vez mais uma ferramenta para compatibilizar o espaço urbano com a vida contemporânea.

Metodologia e Estruturação da Análise

A visão adotada para embasar os conceitos presentes nesse artigo para descrição da forma urbana, serão a abordagem tipológica e seus elementos e a abordagem analítica da formação da cidade: a análise como sistema configuracional urbano. Dessa forma, os conceitos principais acerca de noção geral de projeto de cidade se fundamentam na ideia de que primeiro, a cidade é um artefato; segundo, nessa manufatura - artefato produzido – é possível reconhecer uma unidade, que representa a identidade formal. Decorrente disso, temos o terceiro conceito fundamental: controle, uma vez que a produção de cidade também possui um caráter de planejamento, com padrões de regularidades reconhecíveis e também algumas aleatoriedades e descontinuidades, como formas emergentes de processos não planejados e ações de agentes independentes. Em suma, entende-se a cidade como organismo vivo e com certo teor de autonomia, desconstruindo a visão que a encara unicamente como agente passivo das transformações sociais.

Ainda assim, neste estudo é reconhecido que a cidade também é uma manufatura com certo teor comportamental de instrumento da realização de um propósito, ou seja, mesmo que não exclusivamente, é um fenômeno social complexo e é construída através de um processo coletivo, que está em permanente transformação e emergência. Essas transformações se dão de forma cada vez mais acelerada, uma vez que o advento da tecnologia e a era das informações estimulam progressivamente alterações nas configurações urbanas em uma sociedade pautada em princípios de inovação constante dos meios. Para traçar o plano de cenários urbanos futuros, no entanto, é de suma importância o entendimento da nossa cidade do passado e as estruturas que possibilitaram sua morfologia tal qual é atualmente. Segundo Marcelo Lopes de Souza (2003) criar cenários não se trata de prever o futuro das cidades, mas sim '[...] simular desdobramentos, sem a preocupação de quantificar probabilidades e sem se restringir a identificar um único desdobramento esperado, tido como a tendência mais plausível. (SOUZA, 2003, p. 48)'.

Sendo assim, especular sobre cenários urbanos futuros vai além do exercício de investigação de propostas; refere-se às possibilidades de repercussão dessas propostas dentro do planejamento urbano. Para entender que desencadeamento de ações consequentes cada proposta carrega é preciso primeiro estabelecer formas de descrever o sistema urbano, partindo do princípio que nenhuma previsão pode ser descrita perfeitamente, ou seja, todas as possibilidades carregam um percentual de incertezas e imprevisibilidade.

Por fim, este trabalho busca inovar na abordagem metodológica, através da integração de linhas de pesquisa desenvolvidas, frequente e isoladamente, como: os estudos morfológicos – relacionados à forma urbana e à configuração espacial – abordagem quantitativa, e os estudos fenomenológicos empíricos - relacionados à vivência dos espaços públicos- abordagem qualitativa. As duas abordagens apresentam uma ampla produção científica, mas tendem desenvolver análises isoladas. Portanto, aqui busca-se explorar a interação entre essas abordagens, e conseqüentemente, desenvolve-se uma visão correlacionada entre o social e o espacial. Desta forma, a investigação se justifica por promover a reflexão teórica sobre a produção da cidade, e o seu potencial de transformação na dinâmica sócio espacial urbana.

Além disso, o estudo pretende colocar os problemas da arquitetura em conexão com a análise das estruturas urbanas entendidas como relação; entende-se essas estruturas urbanas como mutáveis, porém constantes no tempo. Ou seja, a relação entre tipologia do edifício e morfologia urbana passa por diversas transformações no espaço da cidade, sem nunca se destituir por completo, sendo um organismo permanente. Também pretende investigar a dinâmica a partir da menor entidade urbana, o lote, seus lotes vizinhos e espaços públicos adjacentes. Parte da abordagem do espaço urbano tripartido nas seguintes parcelas: forma construída (edificação), território (lote ou parcela destinada à edificação) e o espaço público (o espaço restante entre os dois primeiros elementos). Assim, o estudo morfológico se pauta em uma análise sistemática desses três tipos de manifestações na cidade. A relação da abordagem tipológica com o estudo da forma urbana permite entender as regras que descrevem a forma construída e como ela é influenciada e influencia na complexidade do tecido urbano. Investigar os padrões tipo-morfológicos deste bairro histórico permite a análise da transformação da apropriação dos moradores de seus lotes, a influência nos lotes adjacentes e a socialização dos espaços públicos realizada pelos agentes urbanos.

A pesquisa centra-se na transformação intra-urbana da tipologia residencial popular e operária e da tipologia de armazéns industriais, ambas relacionadas entre si, e quais fatores influenciam na paisagem urbana e as conexões de vizinhança que esses dois tipos de lotes estabelecem. Estudar a relação entre essas tipologias se justifica, uma vez que a maior parte das residências do bairro foram construídas para suprir a necessidade de moradia dos trabalhadores das indústrias, levantando questões relativas às moradias e sua proximidade ao local de trabalho. Podendo, assim, explorar novas maneiras de integração desta parcela urbana na dinâmica da cidade, sem gerar gentrificação e mantendo a identidade sócio espacial do 4º Distrito. Interessam aqui a investigação que leve ao reconhecimento de símbolos e padrões recorrentes, que se consolidaram através da morfologia e que tornaram este lugar uma 'reserva da memória da cidade' (MATTAR, 2010).

A Dinâmica Sócio Espacial

O 4º distrito demonstra na sua gênese uma população de imigrantes alemães, inicialmente concentrados em atividades agrícolas e posteriormente, na primeira metade do século XX, em atividades de comércio, serviços, empresas e indústrias familiares voltadas a marcenaria,

serralheria, têxteis e alimentícias. Com o tempo muito destes imigrantes se estabeleceram e prosperaram transformando os negócios familiares e grandes empresas empregando um número elevados de trabalhadores. Neste período juntam-se à imigração alemã, os italianos, os poloneses, árabes e, em menor escala, os espanhóis, austríacos, israelitas e portugueses. 'Este cenário retrata uma grande diversidade social, onde muitas etnias viviam em uma mesma quadra, tornando-se um "espaço polifônico", um lugar que soube ensinar o sentido das diferenças' (CONSTANTINO, 2002; pg 118). Assim a urbanização ainda eram rarefeita, com muitos vazios urbanos ocupados pelas chácaras, e áreas construídas ocupadas pelos armazéns, indústrias e habitações destinadas aos trabalhadores, conforme o relevo da área subia, crescia o poder aquisitivo dos moradores, uma vez que as áreas mais baixas também eram mais alagadiças. Este público retrata a dinâmica social de 1820 até 1940.

O grande número de operários concentrados no 4º distrito oportunizou a criação de grupos por melhores condições de trabalho, como as centrais sindicais, a UGT (União Geral dos Trabalhadores), de viés anarquista, e a FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul), social-democrata alemã, posteriormente substituídas, pela Federação Operária, que se transformou em uma entidade "anarco-sindicalista". (MATTAR, 2010).

A partir de 1940 o 4º Distrito sofre uma grande transformação na sua estrutura primária. A partir deste período são construídas avenidas, viadutos e rótulas, a construção da avenida Farrapos cortou o centro do distrito, em 1958 a construção da Travessia Getúlio Vargas desconfigurou a Praça dos Navegantes e o Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes, e por fim, o cruzamento das ruas Voluntários da Pátria e Conceição descaracterizou o edifício Ely. A descaracterização da paisagem urbana da área, juntamente com a enchente de 1942 acabaram prejudicando o cenário socioeconômico da área, diminuindo o otimismo de grande crescimento econômico previsto em décadas anteriores. 'De 1945 à 1964 houve grande articulação política da população operária do 4º Distrito, constituindo-se na base mais articulada de atuação do Partido Comunista Brasileiro e do Partido Trabalhista Brasileiro' (FORTES, 2004, op.cit., p.32.).

Entre 1970 e 1980 ocorreu outra grande transformação sócio espacial devido a construção da Avenida Castelo Branco e o Corredor de ônibus da Farrapos, a primeira segregando ainda mais o distrito devido a diminuição de vias transversais, e a segunda através do total isolamento do rio com a cidade. Estes fatores acrescidos de uma legislação urbana de incentivo à indústria e com limitações para habitação, resultam na decadência das moradias locais, construídas no período anterior ao Plano diretor de 1959. Desta forma os moradores do distrito ficam limitados aos poucos antigos moradores remanescentes e a novos moradores de menor poder aquisitivo, atraídos por baixos valores de aluguel e proximidade da área central.

Atualmente o 4º distrito apresenta uma grande diversidade socioeconômica em sua extensão, seguindo a mesma lógica da sua origem, mesmo que hoje não ocorram mais alagamentos, as áreas mais altas continuam sendo ocupadas pela com população de maior poder aquisitivo, e as áreas mais limítrofes com a Castelo Branco, onde estão localizadas a população mais carente. É justamente nesta áreas mais baixas que atualmente estão alocados os imigrantes

haitianos, angolanos e senegaleses, juntamente com a população de catadores de lixo. As áreas entre esses dois extremos ocupados por moradores antigos, proposta alternativas de moradia e trabalho, e jovens do interior do estado.

A temática da forma urbana e do uso dos espaços públicos já rendeu muitas investigações e é tema central de linhas de pesquisa inseridas na Arquitetura e Urbanismo, no Planejamento Urbano, na Sociologia, na Antropologia, na Geografia, Psicologia dentre outras áreas disciplinares. Dessa forma, é possível relacionar o estudo das tipologias construídas do Bairro Floresta com a dinâmica social dos espaços públicos no entorno e suas transformações morfológicas; ou seja, transformações na forma com que o espaço privado (lotes, casas, comércio, etc) é apropriado interferem na relação de permeabilidade que se tem com a rua: a maneira com que as casas e o comércio se abrem para o espaço público pode ser determinante na vizinhança, saúde do bairro e sensação de conforto e seguridade pelos usuários. Há um convívio entre a forma construída e o espaço aberto e esse limite – na maior parte das vezes físico e murado – tem potencial para metamorfosear positivamente a vida social em cada trecho de cidade.

A disposição dos problemas da arquitetura em conexão com a análise das estruturas urbanas pode ser entendida como uma relação, em que as estruturas são mutáveis, porém constantes no tempo. Em outras palavras, a relação entre tipologia do edifício e morfologia urbana passa por diversas transformações no espaço da cidade, sem nunca se destituir completamente; é um organismo permanente. O bairro Floresta passou por modificações de ocupação e usos ao longo dos anos, mas ainda assim é possível reconhecer um padrão na forma urbana. Sua arquitetura mostra traços de uma área industrial que hoje abriga residências, os pequenos comércios de bairro, serviços informais.

Na antiga Fiategi, por exemplo, que hoje se tornou um empreendimento imobiliário com três torres comerciais, uma residencial e um centro de compras, os traços da antiga Vila Operária permanecem. Ou o Complexo Vila Flores, construído entre 1925 e 1928 pelo engenheiro-arquiteto José Franz Seraph Lutzenberger, para ser um condomínio de operários, que abriga agora um centro de cultura e escritórios de economia criativa. (CANOFRE, 2017. SUL 21)

Sua disposição urbana e localização estratégica, foi muito positiva em seu auge econômico, desvalorizada com a decadência ao longo dos anos e hoje novamente visada por iniciativas impulsionadas pelo mercado imobiliário e interesses do poder público para com este.

Cidade do Passado

O 4º Distrito de Porto Alegre é antiga zona industrial da cidade, composta pelos bairros: Floresta, Farrapos, São Geraldo, Navegantes e Humaitá. Grande parte destes bairros estão localizados na área mais próxima do centro, adjacentes a outros bairros que configuram a área radio-cêntrica do PDDUA (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental). O Bairro Floresta,

por exemplo, é marcado por uma paisagem urbana característica pelas moradias operárias e armazéns, sintetizando a história da transformação sócio econômica da capital gaúcha na forma urbana remanescente.

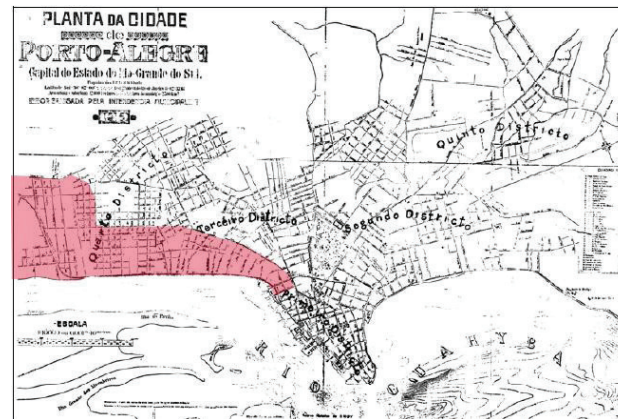


Figura 1: Antiga delimitação do 4º Distrito, em 1916 e delimitação atual, 2019 (em vermelho). Adaptado pela autora a partir de Mapa da Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Este bairro encontra-se isolado do restante da cidade, fato ocorrido após 1980, com a intervenção urbana da construção do corredor de ônibus da Avenida Farrapos, que além de criar uma barreira física através das próprias estações, reduziu as calçadas urbanas, proibiu o estacionamento ao longo da avenida, e diminuiu o cruzamento de ruas perpendiculares à Av. Farrapos, minimizando sensivelmente a permeabilidade do bairro com o restante da cidade. Como se todos esses fatores não fossem suficientes para excluir o bairro da dinâmica urbana da cidade, todas aquelas funções e atividades que o setor público gostaria de “esconder” estão nessa área, como depósitos de lixo, áreas de reciclagem, áreas de acolhimento para pessoas em condição de rua, áreas de comércio informal e áreas de prostituição. Se por um lado o setor público esqueceu esta parcela urbana, e a especulação imobiliária espera vantagens econômicas para empreender sem risco, por outro lado os agentes sociais urbanos continuam ativos resignificando as moradias e os armazéns, configurando a verdadeira diversidade apresentada por JACOBS (2011).



Figura 2: Localização do Bairro Floresta dentro do 4º Distrito e demarcação da Av. Farrapos, importante estrutura primária da região. Adaptado pela autora a partir de Google My Maps/ Porto Alegre, Av. Farrapos. Acessado em janeiro de 2019.

Histórico da Industrialização

‘Escrever sobre a cidade de Porto Alegre no período da sua industrialização consiste em reunir fragmentos de múltiplos espaços que, por vezes, constituem realidades que se confrontam. (MATTAR, 2010)’. A cidade de Porto Alegre teve sua expansão industrial no início e na primeira metade do século XX, junto com acelerado processo de desenvolvimento, e portanto, considerável aumento populacional. Transformações e avanços tecnológicos representaram não somente uma alteração nas formas de produção – com máquinas, produção em série, produção de cidade e urbanização, arquitetura e construção civil – como também do perfil da sociedade e suas vivências na cidade. Em outras palavras, modificou-se a forma de ocupação do espaço urbano, pois a formação de um distrito industrial constituiu um polo de atração para um contingente populacional, de maioria imigrante, em busca de trabalho e também moradia próximo às fábricas.

Dentro desse contexto de expansão industrial, o grande protagonista foi o 4º Distrito. Sua história começou muito antes, com uma onda de imigração alemã que instalou suas casas e oficinas na região: ‘a primeira semente de indústria da capital gaúcha’. A proximidade da região com o Guaíba foi favorável, movimentando a dinâmica econômica e social através da relação com o cais, com trocas de mercadorias que supriam os armazéns e oficinas instalados

Na segunda metade do século XIX, a chegada da linha férrea movimentou ainda mais a circulação de pessoas na região. A Companhia Territorial Porto-Alegrense cria um projeto de loteamento em toda a área para aumentar o número de residências. Na virada do século, a semente de indústria nas oficinas dos alemães vira fábricas de tecido e cerveja e o 4º Distrito vira um Distrito com um caráter diferente do resto de Porto Alegre. Este caráter trata da identidade do espaço. É possível relacionar as relações espaciais de apropriação do espaço urbano com as relações sociais estabelecidas sobre a camada física da cidade; a construção de moradia próxima ao trabalho produz diversidade no espaço, tanto em seus aspectos físicos e funcionais (arquitetura heterogênea) quanto aspectos humanos da população do entorno e suas vivências sociais.

Transformação espaço-temporal do 4º Distrito

A cidade é um processo em constante transformação. Por mais nostálgicos que possamos ser com as virtudes urbanas do passado, ou contentes com a situação urbana atual, cidades respondem às demandas e necessidades do seu tempo, transformando não só a sua forma edificada como o uso das edificações existentes.” (LING, 2017)

As transformações urbanas do 4º Distrito em muitos aspectos se assemelham à transformação da quadra em torno da Greene Street em Nova York desde 1830, região central de Manhattan. Este estudo comparativo foi abordado por LING, (2017) e demonstra as similaridades nas dinâmicas estabelecidas ao longo do tempo entre esses dois fragmentos de cidade. Em Manhattan, as primeiras edificações eram grandes residências unifamiliares, dispostas de forma esparsa e distantes umas

das outras; seus ocupantes eram majoritariamente ricos suburbanos que, com o crescimento do centro, venderam suas propriedades em uma espécie de “fuga do caos urbano”. Então, esses terrenos foram compartimentados, seus recuos diminuídos, aproximando as implantações e transformando-as em sobrados. O público então mudou: em 1870 a principal atividade econômica da Greene Street era a prostituição. Aqui vemos uma densificação da área central e uma espécie de verificação do modelo da forma geral da cidade, descrita por Alonso (1964).

Alonso foi um economista estadunidense nascido na Argentina que, a partir dos estudos de ecologia urbana e o modelo de cidade monocêntrica estruturados por Park & Burgess (1925) elaborou sua teoria sobre a forma geral da cidade e seu padrão de transformações; parte do princípio econômico de que há interesse em produzir e consumir concentradamente. Por isso, a ocupação inicial de um território orienta e distribui outras atividades econômicas (empregos), que se localizam formando um centro, e as residências se distribuem ao seu redor. A partir desse centro, onde o valor da terra é mais alto, há uma distribuição de residentes desigual: nas proximidades do centro haverá mais concentração de residências com menor área disponível, e nas periferias haverá menos concentração de residências, essas, por sua vez, de área maior (KRAFTA, 2014). A introdução da variável tempo nesta teoria, sugere que a cidade crescerá a partir da adição de anéis concêntricos correspondentes, cada um, a um período de desenvolvimento; o desenvolvimento é decorrente do aumento populacional e crescimento da renda dos moradores do centro que, demandando mais espaço, abandonam as áreas do centro, então ocupados por populações mais pobres. A única divergência entre a teoria de Alonso e as transformações urbanas em Greene Street é a densidade inicial da área central; em ambas ocasiões há uma substituição da população que se apropria do espaço, a partir de uma lógica de competição, invasão e sucessão, assim como em Park & Burgess (1925).

Voltando ao Greene Street, na virada do século a quadra mais uma vez passa por processos de transformação e torna-se o centro da maior produção têxtil dos Estados Unidos, causando também verticalização devido à densificação conseguinte da atividade econômica emergente. Em seguida, seguindo uma dinâmica de organismo vivo com eventuais acontecimentos sem preditibilidade, um grande incêndio em uma das fábricas, somado com o período de estagnação econômica da Grande Depressão, levou ao declínio da quadra e ao seu eventual abandono. O período coincidiu com as primeiras legislações de zoneamento de usos em Nova York, determinando o uso industrial - já ultrapassado - à quadra. Após o período de declínio, a partir de 1960 houve a ocupação irregular dos edifícios por artistas e galerias de arte; em 1971, esses artistas foram então legalmente autorizados a morar nas edificações anteriormente zoneadas para uso industrial. A nova ocupação consolidou o processo de gentrificação da área antes degradada e, por conseguinte, trouxe investimentos para a região, transformando mais uma vez a dinâmica desse espaço na cidade. Por fim, na década de 1990, marcas de luxo viram o potencial no local e se estabeleceram, caracterizando o uso que até hoje é predominante e permanece.

No 4º Distrito de Porto Alegre, muito se repetiu desta história de transformação da dinâmica urbana. No final do século XIX, empresas compram pedaços de terra para construir suas fábricas e loteamentos que atenderiam às necessidades dos moradores, apresentando diversidade

funcional: habitação para os funcionários, residências dos proprietários das fábricas, serviços e comércio. Diversidade na forma urbana e nos agrupamentos sociais que ali se estabeleceram:

A concentração de trabalhadores e a usual proximidade entre moradia e trabalho gerou um lugar miscigenado, não somente nos seus aspectos humanos, isto é, nos relativos à população e suas formas de sociabilidade, mas também no físico, através do desenvolvimento de várias tipologias arquitetônicas. (MATTAR, 2010)

Com essa expansão não planejada, o 4º Distrito foi tornando-se um importante centro econômico que também concentrava diversidade de usos, moradores, culturas. Especialmente pelo fato do contingente de imigrantes, trabalhadores das fábricas, que residiam próximo ao trabalho. No entanto, após o desastre da enchente de 1941, as indústrias começaram a sair do 4º Distrito, havendo grande transposição dessas indústrias que necessitavam de infraestrutura e grandes galpões, para a Região Metropolitana de Porto Alegre.

Em 1959, Porto Alegre aprovou uma legislação de zoneamento e classificou os bairros do 4º Distrito com vocação industrial; essa restrição impediu a transformação do uso das edificações, muitas permanecendo abandonadas por décadas (LING, 2017). Essa restrição de implantação de atividades industriais apenas se flexibilizou quando, em 1999, o Plano Diretor atualizou as diretrizes da área, permitindo uso misto.

Hoje, após 40 anos de baixa atividade, ainda há um grande número de galpões abandonados, comércios subaproveitados e edifícios residenciais pouco ocupados. A degradação das edificações, somada às exigências da legislação atual, dificultam a adaptação dessas construções para novos usos. Essa legislação, por exemplo, exige vagas mínimas de estacionamento por construção, incentivando indiretamente o uso de carros; os recuos obrigatórios entre as edificações reduzem a relação do pedestre com o espaço privado e os olhos para a rua, prejudicando a caminhabilidade. Essas regulações urbanísticas que devem ser seguidas, são ineficazes para a vida urbana, uma vez que desestimulam a compra e construção em lotes individuais, devido à burocracia de atender a tantos padrões, incentivando iniciativas conjuntas de grandes incorporadoras a transformar os usos e a forma urbana do 4º Distrito.

Mesmo assim, no 4º Distrito atualmente, uma classe cultural ainda tem força para operar pequenas transformações, assim como ocorreu na Greene Street referenciada anteriormente. O Vila Flores, por exemplo, é um antigo casarão operário que, após anos em situação de abandono foi reformado a partir de esforços conjuntos dos proprietários com artistas e a comunidade local, servindo como sede para escritórios de arquitetura e ateliês, que alugam o espaço a um preço menor que nas áreas mais caras como a Cidade Baixa. Também há o Galpão Makers, espaço de criação colaborativa, e o Distrito Porto Cervejeiro, que reúne microcervejarias, conferindo um novo uso predominante na região.

Atualmente, há tratativas em andamento na prefeitura para uma grande transformação no 4º Distrito denominada MasterPlan, liderado por um professor da UFRGS. Com essa iniciativa,

tenta-se enquadrar a região num zoneamento que imponha o uso e a densidade característicos da economia criativa — mais usos culturais e mais moradores. No entanto, como mostra o resultado do Greene Street Project, nenhuma região possui uma vocação intrínseca ou permanente. A vocação de um bairro é um resultado inesperado, imprevisível, de uma ação coletiva e colaborativa entre milhares de agentes, e que se transforma a cada dia (LING, 2017). A cidade tem uma dinâmica própria que deve ser entendida através do estudo morfológico, e essa dinâmica deve ser adaptada por Planos de modificações urbanas, e não completamente transformadas.

A Habitação no 4º Distrito

Cada processo de configuração de um espaço, fração de urbe, tem uma repercussão na estrutura urbana como um todo. Segundo MATTAR 2010, transformações ocorridas nesse fragmento de cidade que é o 4º Distrito acarretam alterações na sua morfologia urbana; e, ao mesmo tempo que a região possui atributos formais de identidade, esses aspectos convivem com elementos contrastantes e contraditórios que dão um caráter ambíguo, especialmente devido à diversidade de tipologias habitacionais. Essa pluralidade é igualmente notável em termos culturais e sociais do 4º Distrito, uma vez que sua ocupação se deu através da construção de um lugar como arquétipo de cidade; ou seja, a sustentabilidade urbana da região, sua complexidade sistêmica e sua auto-suficiência enquanto fragmento exemplificam, em menor instância, grande parte do leque das relações urbanas, dinâmicas sociais e sociabilização dos espaços públicos que podem se estabelecer na cidade como um todo, por exemplo. O 4º Distrito é um fragmento, uma pequena cidade dentro de uma grande cidade; e acima de tudo um fragmento urbano com unidade, com relevante papel no cenário de memória e referência histórica de Porto Alegre.

O estabelecimento das primeiras habitações no 4º Distrito sempre esteve associada à demanda de “morar” para os trabalhadores das grandes fábricas que ali ancoraram suas atividades econômicas. Ainda segundo MATTAR (2010) ‘As questões de identidade que permeiam as relações entre lugar e habitante são fatores que contribuem para um bairro se tornar “singular”.’ A singularidade em questão era principalmente evidenciada pela variedade de culturas de imigrantes, etnias e arquiteturas, uma vez que construções fabris/ industriais conviviam muito próximas a habitações comuns, devido a essa dinâmica apresentada anteriormente.

A casa é um importante elemento de identidade e uma forma de se consolidar e apropriar-se do espaço. Nesse sentido, as Vilas Operárias ou Bairros Industriais constituíam uma espécie de imagem familiar, que estabelecia relações de vizinhança mais próximas, uma vez que o mesmo contingente de pessoas que trabalhavam juntas, retornavam a suas casas juntas e moravam próximas umas às outras. Além disso, a conformação desses lugares normalmente era financiada pelo dono da indústria, também gerando uma imagem paternalista desta figura, numa espécie de fusão entre relações de trabalho e relações familiares. Todo este cenário contribuiu para a composição do 4º Distrito como um exemplo de apropriação dos espaços de uso coletivo; uma verdadeira materialização do conceito de olhos da rua (JACOBS, 2011). A apropriação de atividades que se opõe a ideias de privacidade, ou seja, áreas coletivas, que dão esse caráter de diversidade.

Há dois tipos de espaços nas cidades, de acordo com C.Santos (1985): o espaço construído, fechado e privatizado; e o espaço aberto e de uso coletivo. No 4º Distrito, salienta-se, dessa forma, a importância da vida comunitária concebida nesses espaços de uso coletivo; é neles que as dinâmicas sociais da vida urbana se manifestam.

O que se denomina “vida comunitária” é um conjunto de desempenhos suportados por “palcos”, por “cenários” que tenderão a ser identificados de acordo com o enquadramento em um dos dois modelos. As manifestações socioculturais características de um grupo e que servem para distingui-lo, em relação a quem é de fora e para seus próprios membros, sempre estarão referidas a conceitos de “abertura” dos espaços. Irão se dar em locais públicos ou naqueles que, por força de um uso especial, passarão a ser vistos “como se fossem públicos” (C. SANTOS, 1985:13)

A seguir apresenta-se três cenários urbanos construídos sobre um mapa da estrutura primária atual, realiza-se esta representação para facilitar a visualização das permanências tipológicas dos armazéns/indústrias/depósitos e das habitações (baixa e média densidade). O primeiro mapa demonstra o cenário do início do século, o segundo mapa mostra um cenário posterior às grandes reformas urbanas na estrutura primária do 4º Distrito, e o terceiro e última apresenta o cenário atual.

1. Início do século XX

A Voluntários da Pátria como eixo estruturador da região devido a sua proximidade com Guaíba, fator importante da paisagem e somado a isso, a proximidade com saída da cidade como elemento conector elemento essencial para relações de comércio e indústria: atividades principais de comércio atacadista, depósitos e indústrias. O mapa abaixo sintetiza o cenário de atividades produtivas existentes no 4º distrito de grande importância na economia gaúcha, a área foi ponto de atração de grande massa de trabalhadores e imigrantes, que ali formaram comunidades, estabeleceram vínculos, relações e construíram suas referências e representações.



Figura 3: mapa atual da área do IV Distrito com as atividades existentes na década de 1940.

2. Década de 80

O mapa da década de 80 apresenta as atividades desenvolvidas logo após as grandes transformações estruturais que foram finalizadas em 1979. Verifica-se que após estas grandes mudanças surge uma nova tipologia residencial de média densidade articulada ao uso de comércio/serviço no térreo, definindo a tipologia mista representativa da Avenida Farrapos. Neste cenário já pode-se verificar a evidente diminuição das atividades ligadas a indústria.



Figura 4: mapa atual da área do IV Distrito com as atividades habitacionais e industriais na década de 1980.

3. Tempos Atuais

O cenário atual apresenta um área em estagnação de crescimento e com pouca renovação urbana, o que verifica-se são adaptações nas atividades habitacionais, o que em outros períodos eram residências unifamiliares hoje abrigam cortiços e ocupações informais. Outra característica do estado de estagnação e declínio é a existência de muitos imóveis vazios e em alto estado de degradação.



Figura 5: mapa atual da área do IV distrito com as atividades habitacionais e industriais atuais.

Implicações nas relações sócio espaciais

Gentrificação, Distrito Criativo e MasterPlan

Gentrificação basicamente quer dizer revitalização dos espaços, porém o efeito desse fenômeno faz com que pessoas que moram em determinada vizinhança não consigam mais pagar os preços do lugar recuperado e com um comércio novo. O 4º Distrito corre esse risco, uma vez que o MasterPlan dá grande importância para a presença da iniciativa privada como ferramenta de qualificação da região. Apenas dispositivos assumidos pelo poder público podem prevenir riscos de uma regulação que esteja completamente nas mãos do mercado.

Para entender gentrificação imagine um bairro histórico em decadência, ou que apesar de estar bem localizado, é reduto de populações de baixa renda, portanto, desvalorizado. Lugares que não oferecem nada muito atrativo para fazer... Enfim, lugares que você não recomendaria o passeio a um amigo. Imagine, porém, que de um tempo para cá, a estrutura deste bairro melhorou muito: aumentou a segurança pública e agora há parques, iluminação, ciclovias, novas linhas de transporte, ruas reformadas, variedade de comércio, restaurantes, bares, feiras de rua... Uma verdadeira revolução que traria muitos benefícios para os moradores da região, exceto que eles não podem mais morar ali. (COSTA, 2016. COURB – Instituto de Urbanismo Criativo)

É exatamente este o contexto do 4º Distrito. A gentrificação aparece de forma sutil desde a formação da região. A abertura das avenidas estruturantes teve um custo alto de remoções de Vilas pela Prefeitura, que desapropriou diversas casas e enxotou a população que ali morava para bairros como o Restinga, em um processo de esconder aquilo que a sociedade não gostaria de enxergar perto de avenidas imponentes como a Voluntários da Pátria.

De antigo bairro-cidade pulsante, que reunia o porto, a linha férrea, imigrantes e operários, cervejarias e indústrias têxteis, um planejamento urbano moderno, a região virou uma mistura heterogênea de vazio urbano, bairros de classe média e vilas que retratam os problemas sociais esquecidos pelo poder público. Uma amostra recortada da história da própria capital gaúcha. Na discussão sobre planejamento urbano, planos diretores, polos de tecnologia, déficit de moradias, especulação imobiliária e a tal gentrificação, o 4º Distrito equaciona passado, presente e o futuro em jogo para Porto Alegre. (CANOFRE, 2017. SUL 21)

Sem revitalização por parte da iniciativa pública, a infraestrutura e os investimentos não acompanham a oportunidade locacional da área vista por investidores. Dessa forma, a especulação imobiliária vai afastando as pessoas que ali moram

O Distrito Criativo é uma maneira de evitar a especulação. Com a ocupação do espaço por iniciativa local e cultural, cria-se uma identidade com o espaço, e portanto sensação de pertencimento e dever de cuidado. De certa forma, cria um empecilho para iniciativas generalistas como o MasterPlan.

Considerações Finais sobre a Porto Alegre do Futuro

Para Milton Santos, quando há a superposição do sítio social ao sítio natural, existe a possibilidade de gerar especulação imobiliária sobre o território. Dentro dessa lógica, vemos que evolução da sociedade industrializada, pautada em valores de mercado é um exemplo do que ocorreu na conformação do 4º Distrito, uma vez que, sobre o sítio natural, bem localizado e privilegiado da região, as relações sociais e a influência no mercado imobiliário transformou o sítio para aquilo que conhecemos hoje. 'O funcionamento da sociedade transforma os lugares e as atividades mais dinâmicas se instalam nos sítios mais privilegiados'. SANTOS, 2013.

No planejamento urbano é influente o mecanismo do mercado como instrumento de ordenação e organização, e este fator pode ser visto no MasterPlan, um projeto de Plano Diretor específico para a área do 4º Distrito, em andamento na Prefeitura de Porto Alegre. Ao par que este projeto destina grande parte da responsabilidade sobre a revitalização nas mãos da iniciativa privada e comércios que movimentam e devolvam a antiga dinâmica urbana 'Parcelas cada vez maiores da receita pública se dirigem à cidade econômica em detrimento da cidade social' SANTOS (2013).

Urbanização Corporativa

No final de 2015, faltando um ano para o fim de seu mandato, o então vice-prefeito Sebastião Melo (PMDB) resolveu ser o impulsionador da ideia mais recente de "revitalização" para a região. Queria fazer uma operação consorciada, que, nas suas palavras significa fazer um recorte da cidade e dar para aquela região um plano diretor", explica Melo. O plano diretor foi batizado de MasterPlan e elaborado por professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS e, segundo ele, o projeto do MasterPlan "foi formatado para alicerçar o suporte territorial para reconversão econômica e revitalização urbana do 4º Distrito".

No decorrer dos anos, o 4º Distrito perdeu sua vocação industrial e se esvaziou, sem haver um processo de resgate territorial para outras atividades. Dessa forma, a justificativa para o plano elaborado pelo professor é a tentativa de revitalização do Distrito através de três eixos: polo tecnológico, hub da saúde e economia criativa. Todos eles dependendo quase que exclusivamente da iniciativa privada. Nesses termos, é previsto dentro do MasterPlan a ideia de "quadras rápidas" - este termo, representa quadras de rápida transformação. 'A ideia é que você tem uma quadra com construções antigas e foi permitida a compatibilização de construções novas com construções antigas. Ela é rápida porque era de um proprietário só, por isso, a negociação foi rápida e pegou a quadra inteira', explica o professor. Dentro desse projeto, 100 pontos do 4º Distrito já foram mapeados e apontados como potenciais quadras rápidas e esse número foi considerado baixo pelos idealizadores do Plano.

A ideia central é que o MasterPlan faça um conjunto de quadras com limite de construção e outras que estariam liberadas para indústrias expandirem, apresentando uma oportunidade bastante visada pelo setor imobiliário: construir de forma que não poderiam em outras regiões.

Um fator importante: a maioria dos moradores não têm conhecimento do MasterPlan, que acaba sendo um projeto de interesse e conhecimento de apenas setores privilegiados da sociedade. As plantas e os projetos, por exemplo, não foram liberados para consulta pública da população. Em uma declaração sobre o plano, o ex-prefeito demonstra em sua fala a quem interessa verdadeiramente a "revitalização" do 4º Distrito: '[...]o petróleo da cidade é o solo urbano'.

Geradores de Diversidade

O auge do 4º Distrito foi numa época em que ele era diverso. Havia as indústrias, os armazéns, as residências de operários e donos de fábricas, e uma rua de comércio mais local. No entanto, o quadro histórico do 4º Distrito mostra que ele passou de um ponto de ápice da vida social, para um ponto de abandono. É verdade que a desindustrialização levou as pessoas embora, assim como a construção de avenidas que desconectaram a relação com o cais e o Guaíba. A Farrapos, por exemplo, foi aberta na década de 1940 com o intuito de resolver o trânsito da Voluntários e ligar o Centro à zona norte. No entanto, ela acabou dividindo o 4º Distrito em duas partes.

Esse caráter de diversidade está sendo retomado com a ideia do Distrito Criativo, influenciando a ocupação do espaço por atividades culturais e apropriação do espaço público. Mas antes mesmo de iniciativas como o Vila Flores, a própria região do bairro Floresta vivia um movimento articulado e vivo, com o costume de ocupar o espaço público e as calçadas, conduzido pelos próprios moradores da região entre as ruas.

O que a gente tem que fazer é ocupar a rua. Propus a gente fazer a feira livre aqui na praça. A gente foi tentando, tentando, veio a feira livre para a praça. Os moradores também participaram. Eu fiz o sarau de rua, da minha janela, porque eu sou poeta e músico. Relato de um morador do 4º Distrito. (CANOFRE, 2017. SUL 21.)

A questão é que reviver a memória da região represente manter os agentes sociais urbanos de forma que continuem ativos resignificando as moradias e os armazéns, configurando a verdadeira diversidade apresentada por Jane Jacobs. Os múltiplos usos de armazéns, sobrados, comércio local, casas com relação mais permeável com a rua incentivam a ocupação dos espaços públicos, a caminhabilidade e segurança dos usuários.

Como Planejar Cenários Urbanos Futuros

Acredita-se que por mais polêmico que seja o discurso do planejamento urbano, sem ele não temos como gerenciar de forma democrática a cidade. Para isso, o foco está na utilização de instrumentos de monitoramento capazes de acompanhar a dinâmica do fenômeno urbano e seus possíveis rebatimentos sociais, econômicos, culturais e ambientais. Os instrumentos de planejamento poderiam simular cenários a partir de possibilidades de mudanças na estrutura primária, incluindo vias e atratores urbanos. Para possibilitar estes cenários

teríamos que ter o histórico das dinâmicas em períodos de transformação (crescimento/ estagnação/ declínio) sem esquecer as preexistências.

Esta visão é substantiada por vários estudos que demonstram que os processos de transformação no tecido, representado pelos processos de transformação das formas construídas e das atividades, são de caráter acumulativo, demonstrando a importância do primeiro estado alocado em cada lote juntamente com o seu entorno imediato. Esta análise histórica poderia direcionar o conjunto de possibilidades de conversões futuras (KRAFTA e CONSTANTINOU, 2007). Este conjunto de considerações obtidas neste estudo vem a confirmar a posição de KRAFTA (1994, pg 17) que argumenta que:

[...]cada elemento espacial, histórico, é sintetizado e rebatido para o momento atual, combinado com os outros para determinar as propriedades espaço-temporais responsáveis pela estabilidade das estruturas urbanas edificadas. [...] A história urbana, assim vista como através de uma lente teleobjetiva, é achatada, destituída de profundidade, trazida ao presente e traduzida em um coeficiente de resistência a mudança a ser vencido. (KRAFTA, 1994)

A investigação da dinâmica urbana através de séries temporais poderia descrever e prever o processo macroespacial de transformação dentro de intervalos de tempo definidos pelos estágios evolutivos do sistema, como os períodos apresentados neste estudo, o início da urbanização, o período de crescimento e o de grandes mudanças na estrutura primária. O primeiro estágio define o estado “semente” da urbanização da área; o segundo estágio é o que define praticamente toda a urbanização da área, este período de grande crescimento impulsionado pela alocação de indústrias, comércios, depósitos e habitações; por fim, o terceiro e último estágio evolutivo identificado na área estudada refere-se ao período já urbanizado, onde a dinâmica é lenta e pontual. Neste último estágio as transformações espaciais estão pautadas em todas as experiências locais precedentes, definindo o conjunto de todas as possibilidades de transformações existentes no sistema espaço-temporal, incluindo preferências culturais e socioeconômicas.

Desta forma o planejamento urbano construído sobre bases históricas seria o único instrumento capaz de fortalecer a vocação de um bairro, respeitando a diversidade social e incentivando economicamente o local. Para tanto, no exercício de planejar cenários urbanos futuros, deve-se considerar a geração de conceitos harmônicos e humanizadores do espaço, equilibrando o desenho preexistente e o tecido urbano contemporâneo, dando continuidade, na medida que for sustentável em termos urbanos, ao cenário consolidado. Destaca-se, nesse sentido, o papel e compromisso do poder público em montar estratégias e administrar os recursos financeiros, viabilizando estudos que resultem de um processo de compreensão para posterior intervenção no contexto urbano.

[...] Outro fato relevante se dá quanto aos conceitos aplicados sobre o que se pretende como resultado final para as propostas urbanísticas, tendo como protagonista desta análise as estratégias públicas adotadas na busca da “nova paisagem” e a “vocação” urbana, econômica e social em que estas áreas deveriam chegar ao final do cronograma proposto. (VIEIRA, 2010)

A questão é entender qual o cronograma ideal dentro do contexto do 4º Distrito e quais as estratégias que os agentes urbanos irão lançar mão para concretizá-lo. É preciso haver um planejamento contínuo e especialmente compromisso das gestões futuras para manter e realizar os planos previstos para a área de intervenção.

O predicado econômico vem assim, espontaneamente, colocar-se ao lado do moderno conceito de espaço, a ponto de se poder afirmar que, se os urbanistas clássicos tinham do espaço um conceito geométrico, os urbanistas modernos tem um conceito econômico” (ARGAN, 2001, p. 86).

Atualmente todo arquiteto e urbanista é um reformador social que, no entanto, trabalha em um campo invariavelmente econômico, que é a terra urbana. Por isso, é imprescindível considerar que, além de um organismo complexo composto por formas construídas.

Estes fatores levaram a compreender a cidade não somente como um organismo composto por edifícios e áreas livres, geradores de espaços construídos e não-construídos, organismos mutantes livres e autônomos em sua transformação “gratuita” ou descontrolada.

Referências Bibliográficas

- ALONSO, William. Location and Land Use. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1964.
- ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- AYMONINO, Carlo. O significado das cidades. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 1998;
- CANIGGIA, G.; MAFFEI, G. L. Tipologia de la Edificación: estructura del espacio antrópico. Madrid: Celeste Ediciones, 1979.
- CANOFRE, Fernanda. No 4º Distrito de Porto Alegre, abandono e promessas se misturam. A quem serve a 'revitalização'?. SUL 21, Porto Alegre, 14 de Agosto de 2017. Disponível em <<http://especiais.sul21.com.br/gentrificacao/no-antigo-centro-industrial-de-porto-alegre-abandono-e-promessas-se-misturam-a-quem-serve-a-revitalizacao/>>. Acessado em novembro de 2018.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. "A polifonia do bairro: 4º. Distrito (Porto Alegre)- história/memória". História/Unisinos. Número Especial: II Encontro Regional-Sul de História Oral/ABHO. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.
- CONSTANTINO, Eliane. KRAFTA, Rômulo Celso. Sustentabilidade espaço - temporal dos padrões urbanos de vizinhança [recurso eletrônico]. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (12.: 2008 out. 7-10 : Fortaleza, CE). Geração de valor no ambiente construído : inovação e sustentabilidade : anais [recurso].
- CONSTANTINO, E & KRAFTA, R. (2007) Built form change: randomness and emergence of space-time patterns [recurso eletrônico]. In: International Seminar on Urban Form (14. : 2007 ago. 28-31 : Ouro Preto, MG) Urban morphology in a global era [recurso eletrônico]. Ouro Preto : UFMG, 2007. p. [1-17].
- COSTA, Emmanuel. O que é Gentrificação e por que você deveria se preocupar com isso. COURB - Instituto de Urbanismo Colaborativo, 14 de Abril de 2016. Disponível em <<http://www.courb.org/pt/o-que-e-gentrificacao-e-por-que-voce-deveria-se-preocupar-com-isso/>>. Acessado em novembro de 2018.
- FORTES, Alexandre. Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto- alegre e a era Vargas. Caxias do Sul: Educs; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- GIDDENS, Anthony. "Cidades e os Espaços Urbanos", Sociologia, Artmed, Porto Alegre:2005, 5ª ed., pp. 454-477.
- JACOBS, Jane. Morte e Vida de grandes cidades. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p 1-26 e 477- 499.
- KRAFTA, Romulo. Notas de Aula de Morfologia Urbana. Porto Alegre: UFRGS, 2014.
- KRAFTA, R.. A História É Um Estado Inicial. In: III Seminário sobre história da cidade e do urbanismo, 1994, São Carlos. Anais do III Seminário sobre história da cidade e do urbanismo. São Carlos, SP, 1994. v. 1.

- KOWARICK, Lúcio. A Espoliação Urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980 p. 21-53.
- LING, Anthony. Zoneamento e Transformação no IV Distrito de Porto Alegre. Arq.Futuro. 17 de julho de 2017. Disponível em <<http://arqfuturo.com.br/post/zoneamento-e-transformacao-no-iv-distrito-de-porto-alegre>>. Acessado em novembro de 2018.
- MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias, in "A cidade do pensamento único", Petrópolis:Vozes, 2000.
- MATTAR, Leila Nesralla. A modernidade de Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º Distrito. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2010.
- PANERAI, Philippe. Análise Urbana. Tradução: Francisco Leitão, & revisão técnica de Sylvia Fischer. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest E; & MCKENZIE. Roderick D; [& Louis WIRTH] - The City - The University of Chicago Press, Chicago, 1925.
- SABOYA, Renato. Cenários em planejamento urbano. Urbanidades - Urbanismo, Planejamento Urbano e Planos Diretores. 14 de fevereiro de 2008. Disponível em <<https://urbanidades.arq.br/2008/02/cenarios-em-planejamento-urbano/>>. Acessado em novembro de 2018.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, A. (Coord.). *Quando a rua vira casa*. 3. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Ibam/Finep: Projeto, 1985.
- SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Edusp, 2013 p.105 – 140.
- VIEIRA, Elvis José. A Construção de Novos Cenários Urbanos na Cidade Contemporânea. I ENANPARQ: Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território. Rio de Janeiro, 29 de novembro, 03 de dezembro de 2010

